

INTRODUÇÃO

Os últimos anos foram marcados pela visibilidade dada à questão da infância, o que nem sempre garantiu avanços no trabalho cotidiano com a criança. Registram-se as políticas e publicações oficiais que, mesmo que não se traduzam em mudanças substanciais nas práticas, marcam o discurso oficial sobre o atendimento a infância no território nacional: Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1999), Política Nacional de Educação Infantil: pelos direitos das crianças de zero a seis anos à educação (BRASIL, 2006a), Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (BRASIL, 2006b), Lei nº 11.274 de 6 de fevereiro de 2006 – dispõe sobre a duração mínima de nove anos para o Ensino Fundamental com matrícula obrigatória a partir dos seis anos (BRASIL, 2006c), Lei nº 11.494 de 20 de junho de 2007 – regulamenta o FUNDEB (BRASIL, 2007c), Emenda Constitucional Nº 59/2009 – prevê a obrigatoriedade do ensino de quatro a dezessete anos (BRASIL, 2009c).

Em relação ao currículo, muitas questões ainda estão por ser analisadas. A partir da minha experiência como professora de Educação Infantil e supervisora de uma secretaria municipal de educação, observo que na Educação Infantil comumente este se organiza em torno das **datas comemorativas do calendário civil e religioso, e este é o tema central dessa pesquisa.**

Essa dissertação se insere na pesquisa institucional do Grupo de Pesquisa sobre Infância, Formação e Cultura (INFOC) – Educação Infantil e Formação de Profissionais no Estado do Rio de Janeiro: Concepções e Ações que tem como objetivo pesquisar, numa perspectiva macro, a situação da infância, das políticas de Educação Infantil e da formação dos profissionais nos municípios do Estado do Rio de Janeiro e, numa perspectiva micro, conhecer interações e práticas entre adultos e crianças em creches, escolas de Educação Infantil e escolas de ensino fundamental em 5 municípios do Estado do Rio de Janeiro.

A pesquisa foi realizada em duas escolas de Educação Infantil em um dos cinco municípios mais populosos em relação à faixa etária de 0 a 6 anos. Desenvolveu-se entre a análise de documentos da rede e das escolas, da observação de situações de estudo e planejamento da rede e das escolas,

observação da prática pedagógica e de entrevistas com gestores da rede, das escolas e com docentes.

As questões centrais de pesquisa e análise são a infância, a Educação Infantil e o currículo. Compreendendo a infância como categoria social e da história, parte da cultura e produtora de cultura, a Educação Infantil como direito da criança e o currículo como experiência de cultura (BRASIL, 2009b). Seu objeto de estudo é um sujeito, ou sujeitos, crianças, professores, gestores.

Além de aprofundar e dialogar com autores que ajudam a dar maior corpo a concepções de história, cultura e infância tais como Bakhtin (2004, 2010), Vygotsky (1991a, 1991b) e Benjamin (1995, 2002), como também Sarmiento (2003, 2005), são analisados autores que pesquisam a escola e o currículo.

A pesquisa propõe compreender por que ainda hoje, com todas as mudanças ocorridas no contexto da Educação Infantil e com toda a recente discussão e produção teórica sobre o currículo, as escolas de Educação Infantil organizam seu currículo em torno de datas comemorativas do calendário civil e religioso.

Visa também levantar informações para saber se essa é uma orientação da rede de ensino e qual a origem dessa prática nas escolas de Educação Infantil. Pretende ainda, de um lado, conhecer e compreender práticas e interações entre crianças e adultos, possíveis implicações na constituição das subjetividades que transitam na escola e se essa prática se relaciona a outras práticas e concepções presentes na instituição e, de outro lado, identificar aprendizagens que circulem nesse ambiente ritualizado por práticas recortadas do mundo externo à escola quando a escola opta por organizar o currículo em torno das datas comemorativas.

Por fim, à medida que o processo de pesquisa se efetive e em decorrência dele, que colabore para a percepção de outras possibilidades de trabalho que sejam efetivamente identificadas com as subjetividades que dialogam na escola.

Segundo Kramer (2007, p. 11), “é imensa a distância entre aquilo que produzimos sobre a escola e a escola real, concreta.” A produção teórica aponta para um horizonte e a escola muitas vezes ainda olha para outro. Não é a intenção aqui buscar ou afirmar uma verdade, mas compreender o cotidiano, no encontro e desencontro entre os adultos e crianças nas suas práticas sociais.